**Uma espiritualidade libertadora para uma juventude militante**

*Jorge Boran*

**Os enfoques dos últimos anos**

Na primeira parte dos anos 70 a espiritualidade ocupava um lugar central na pastoral da juventude. Foi uma espiritualidade, porém, bastante espiritualista onde se enfocava muito a conversão pessoal através de encontros de impacto emocional. Os grupos de jovens se voltavam quase exclusivamente para dentro da comunidade paroquial e para dentro dos próprios movimentos. Não se colocava a dimensão social da fé, a não ser numa linha assistencialista. Este tipo de pastoral reforçava, até certo ponto, um sistema social que alienava o jovem. Nos encontros, grande ênfase foi dada à oração pessoal, comunitária e espontânea e nas paróquias, à missa dos jovens. Estes movimentos de encontro correspondiam a um período de grande fechamento e repressão política dentro da sociedade civil. Embora movimentando muita gente, esta metodologia não conseguia resolver o problema da perseverança e um compromisso sério do jovem com a Igreja e a sociedade.

Também, em termos de formação teórica, todo este esforço foi falho. Uma pesquisa feita pelo Regional Sul I CNBB, em 1974, mostrou um dado surpreendente: jovens que não participavam de comunidade eclesial sabiam mais sobre os dados básicos da sua fé do que a média dos coordenadores de grupos de jovens. Não negamos, porém, o lado positivo destes movimentos como a importância que davam à oração individual e a canalização da vitalidade e criatividade do jovem através da oração espontânea.

**O processo de politização**

A partir da segunda metade dos anos '70 começa o chamado processo de "abertura política" com o Governo Geisel. A sociedade civil retoma paulatinamente o seu papel expresso no primeiro artigo da constituição brasileira: "todo poder emana do povo e em seu nome é exercido". Este processo de politização teve e continua tendo repercussões fortes e crescentes dentro da pastoral da juventude, que é o setor mais sensível, politicamente, dentro da Igreja.

Este processo de politização foi reforçado pela própria doutrina social da Igreja que teve grande pe­so na Igreja brasileira através das encíclicas dos úl­timos Papas, o Concílio Vaticano II, os documentos da América Latina de Medellín e Puebla e os vários documentos da CNBB que colocavam a Igreja de uma maneira profética dentro dos momentos cha­ves da vida brasileira durante os últimos anos. Este enfoque é resumido por João Paulo II no seu discurso à juventude brasileira em Belo Horizonte:

"A riqueza maior deste País, imensamente rico, são vocês. O Futuro real deste País do futuro se encerra no presente de vocês. Por isso este País, e com ele a Igreja, olham para vocês com um olhar de expectativa e de esperança.

Olham, como eu, e dizem: você — eis um belo horizonte! um belo horizonte do futuro!

Abertos para as dimensões sociais do homem, vocês não escondem sua vontade de transformar radicalmente as estruturas que se lhes apresentam injustas na sociedade. Vocês dizem, com razão, que é impossível ser feliz, vendo uma multidão de irmãos carentes das mínimas oportunidades de uma existência humana. Vocês dizem, também, que é indecente que alguns esbanjem o que falta à mesa dos demais. Vocês estão resolvidos a construir uma sociedade justa, livre e próspera, onde todos e cada um possam gozar dos benefícios do progresso".

**O novo dentro da pastoral da juventude**

Não é de estranhar portanto, que surjam dentro da pastoral da juventude, hoje, dois momentos:

1. Um processo de iniciação que ainda envolve a maior parte dos jovens e que se volta mais para dentro da comunidade e do grupo de jovens;
2. um processo de militância que envolve sobretudo, as lideranças que aceitam o desafio de se lançarem como fermento de transformação dentro do seu meio especifico de escola (secundaristas e universitários), trabalho (jovens trabalhadores) e bairro (movimentos populares). Este segundo momento, obviamente, não exclui a participação na comunidade que continua sendo o lugar privilegiado de celebração da fé.

É neste segundo momento da pastoral da juventude (P. J. Específica) que aparece um dos maiores desafios para a Igreja hoje.

**A perda da fé**

A experiência dos últimos anos mostra que um número significativo destes jovens, ao assumirem um engajamento forte nas lutas populares, abandonam a prática da sua fé. Para alguns o contato com a análise marxista nas universidades, sindicatos e nos movimentos populares é um dos momentos de purificação da sua fé. Para outros é um momento de perda de sua fé. Diante de categorias muito mais "eficientes'', em termos de transformação social, do marxismo, a fé é encarada como uma jaqueta que um atleta joga de lado quando começa a correr —porque atrapalha.

Um grupo de jovens descreve este desafio da seguinte maneira:

*"Por volta de 1980/81 surgem os MEIOS ESPECÍFICOS (Bairro-trabalho-escola), corno espaços para nos organizarmos de modo mais consequente. O engajamento nos ambientes se torna prioridade da nossa região: na assembleia de 1980 os setores definem suas prioridades de atuação e já começam a levantar pistas para desenvolver os trabalhos; em 1981, lá foi possível avaliar a nova caminhada, levantando as dificuldades, as pequenas vitórias, novas pistas, etc...*

*Ao lado desse questionamento da prática, vem o questionamento da fé e da espiritualidade. As missas na paróquia e as orações do grupo não conseguem mais reabastecer a fé. O uso das ciências (sociologia, história, economia, filosofia, principalmente), permite-nos clarear o projeto de uma sociedade igualitária. Não encontramos explicações para nossa fé, que, diante da lógica científica, parece-nos inútil. A religião ensinada por nossos antepassados, não atende mais as novas exigências da sociedade dividida em classes. O nosso relacionamento com o Pai se modifica: a nossa oração exige ação, pois o nosso próximo é todo homem marginalizado, despido da dignidade de filho de Deus.*

*Perante essas novas descobertas, partimos para realizar ações que tivessem em vista, atingir as causas dos problemas, denunciando-as e questionando a posição comodista das paróquias onde a gente estava.*

*Muitos grupos foram praticamente "expulsos" das paróquias pois não tinham espaços, são inúmeros os casos de jovens descontentes com essa "Igreja reacionária". Tornou-se comum que essas lideranças mais conscientes, deixassem o espaço paroquial para atuar nos movimentos reivindicatórios do bairro, oposições sindicais e partidos políticos, movimentos estudantis, tendências e partidos políticos. Igreja instituição e fé eram uma só coisa e por isso não se podia acreditar nelas".*

**O desafio**

A angústia de muitos assessores e coordenadores é uma só: corno formar jovens militantes que possam ser fermento de transformação dentro dos organismos intermediários da sociedade sem perder a sua identidade cristã. Como acabar com a dicotomia: "quem está na luta não reza e quem reza não está na luta". Como unir fé e vida. Como fazer com que a fé cresça num terreno diferente, mais desafiador, menos protegido? Como resolver na prática a tensão entre a Igreja no seu aspecto institucional e o idealismo do jovem?

Digo, de passagem, que a maior parte dos jovens que se afastam da Igreja após um período dentro da pastoral da juventude, o faz porque acham muito mais interessantes as propostas de uma sociedade de consumo que apresenta como caminho da felicidade a ascensão social individualista, a competição e o primado do ter sobre o Ser, do que as exigências de uma conversão a Jesus Cristo, a seu projeto de vida. No momento em que estes percebem que a verdadeira conversão a Jesus Cristo se entende em termos de libertação e transformação pessoal e social e não em termos de fuga do real, se afastam.

Do outro lado um pequeno número de jovens que despertaram para a dimensão social da fé, reduzem-na a uma teoria política.

São, porém, os jovens mais dinâmicos que fazem e farão a história.

**O fracasso da espiritualidade "tradicional"**

A dificuldade maior é causada pela crise da assim chamada espiritualidade "tradicional” que não se adapta à sensibilidade atual. As antigas fórmulas são impotentes diante do clamor crescente da justiça na América Latina. A espiritualidade tradicional de exercícios de piedade, que alimentava uma outra geração não responde aos anseios de uma juventude nascida numa época muito diferente. Os tradicionais modelos de santidade como São Luis Gonzaga, Teresinha de Liseux não funcionam mais. Os modelos preferidos hoje são os grandes profetas de mudança histórica como, Dom Oscar Homero, Santo Dias, Martin Luther King, Ghandi...

Não é verdade que o jovem não quer rezar. Ele quer rezar, quer se colocar na presença de Deus do jeito dele. É comum hoje, em assembleias e cursos, onde a liturgia é bem preparada dentro de uma proposta libertadora, que o presidente tenha que controlar a participação dos jovens para não "estourar” o horário. No último encontro nacional da pastoral universitária a proposta que apresentava o cancelamento da celebração no final do dia, alegando como motivo o fato que já era uma hora da madrugada e que todo mundo estava cansado, foi rejeitada pelo plenário. Os jovens fizeram uma das celebrações mais significativas do encontro.

**Espiritualidade uma questão chave**

Uma pastoral que não dedica tempo para aprofundar uma espiritualidade capaz de alimentar a caminhada, está fadada ao fracasso.

Conversando, um tempo atrás, com uma pessoa que teve um forte engajamento na Ação Católica durante os anos '60, percebi mais claramente esta verdade. Seu grupo foi vítima de um plano muito bem elaborado de infiltração por um grupo político de cunho ateísta. Vários dos membros se afastaram do grupo e da Igreja entrando neste outro grupo, Eu fiquei curioso para saber porque ela resistiu a todo o esforço, de vários anos, de "fazer a sua cabeça”.

Ela explicou: "eu sempre tive uma queda e aprofundava o lado místico da vida. No momento em que os caras tentaram minar a minha fé eu reagi".

Será muito pobre, porém, nossa motivação, se o aprofundamento de uma espiritualidade libertadora tivesse como finalidade impedir que nossos militantes sejam aliciados por grupos extremistas. A motivação principal é a força de uma mística cristã para garantir a perseverança e a garra na luta pela justiça e pela transformação social.

**Duas alternativas**

A pastoral da juventude está diante de duas grandes alternativas:

A primeira alternativa é a de continuar fazendo uma pastoral vestibular em que os jovens se afastam da Igreja no momento em que tomam consciência, porque não apresentamos um Evangelho capaz de motivar um jovem mais crítico. Neste caso preparamos lideranças para grupos políticos, às vezes com práticas manipuladoras e autoritárias que contradizem a visão de homem apresentada no Evangelho. A opção por esta primeira alternativa traz como consequência o afastamento da Igreja dos jovens mais dinâmicos e a permanência de jovens mais passivos, menos maduros, que não têm iniciativa ou liderança e não exercem nenhuma influência numa história que caminha para a frente sem ou com a Igreja. São jovens "bonzinhos", obedientes que não nos dão trabalho porque se mantêm numa dependência infantil.

A outra alternativa é de aceitar o desafio formulada por Bonhoeffer:

"Como anunciar Deus num mundo que se tornou adulto?" Para mim e uma questão de fé. Será que acreditamos na força do Evangelho de transformar qualquer jovem ou situação? Não podemos aceitar uma situação em que o Evangelho é apresentado como não tendo uma resposta para o jovem que chega ao ponto de tomar consciência dos mecanismos de dominação, manipulação da sociedade e que quer mudar isso.

É uma questão de ajudar o jovem a assimilar uma espiritualidade que une fé e vida, fé e política, oração e ação.

**Uma oportunidade privilegiada**

Aqui se apresenta, também, uma oportunidade privilegiada para que a Igreja possa formar quadros leigos que serão a grande força de fermento numa sociedade nova que está em processo de parto.

Durante a sua visita ao Brasil o Papa João Paulo II expôs várias vezes em conversas particulares com membros da cúpula da CNBB o seu pensamento sobre a oportunidade privilegiada que a Igreja do Brasil tem de influir, como a de nenhum outro pais, no surgimento de uma sociedade nova. Isso devido ao seu peso cultural, seu dinamismo, os valores humanos que o povo ainda conserva e o tamanho e recursos naturais do país.

O momento atual está propício para uma participação da juventude neste sentido devido a grande credibilidade que a Igreja tem diante dela. A coragem e os gestos proféticos em favor da justiça, nos últimos anos, criou uma imagem positiva da Igreja para a juventude. Do lado da Igreja, porém, constatamos uma grande dificuldade de trabalhar com um jovem mais crítico. Em muitos lugares a Igreja perdeu o jeito de trabalhar com a juventude. No momento em que os jovens tomam consciência são afastados da instituição e se busca uma nova "leva", para, por sua vez, fazer a mesma coisa ao chegar de novo no ponto de uma consciência crítica ou uma consciência de classe. Isso é muito sério.

Não queremos deixar a impressão de que os jovens são sempre os ''anjinhos" e a Igreja "a mãe maldosa". Frequentemente os jovens estão claramente errados. Falta nos, porém, uma pedagogia para corrigir os desvios.

Se a Igreja perder esta oportunidade de evangelizar uma juventude mais crítica e comprometida, talvez nunca mais se apresente outra oportunidade semelhante. E a Igreja mais uma vez teria perdido o trem da história e talvez, como aconteceu com a classe operária na Europa, uma geração inteira. Perderemos a oportunidade de evangelizar os futuros líderes do processo social.

**Caímos numa armadilha**

Percebemos que para a juventude moderna a fé não mais se transmite pela tradição de família ou pela imposição, mas pelo convencimento. Caímos na armadilha de achar que a mera presença do jovem no grupo significa automaticamente uma opção por Jesus Cristo. Ora, frequentemente o jovem está ai por outras razões: o ambiente de amizade, a "barra" está muito pesada em casa, a possibilidade de encontrar com jovens do sexo oposto... A família ou uma catequese permanente da Igreja não foi capaz de atingi-lo de modo a levá-lo a uma conversão a Jesus Cristo. Portanto, a pastoral da juventude tem que envolver os seus membros num verdadeiro processo de educação na fé. Não se pode presumir que se trabalha com jovens já convertidos.

**Processo de iniciação e processo de militância**

E necessário, portanto, um primeiro processo de iniciação em que se encaminha uma pedagogia de educação na fé. Este processo de iniciação chama-se comumente "Pastoral de Juventude Geral". Temos o direito de cobrar dos jovens somente na medida em que investimos neles.

Neste artigo pressupomos a existência deste trabalho anterior, e pretendemos nos deter no segundo momento da pastoral da juventude que se chama Pastoral da Juventude Específica ou na terminologia do Celam "Pastoral da Juventude Especializada".

Podemos passar agora para a questão central deste artigo: uma espiritualidade libertadora capaz de alimentar e motivar uma juventude que, em números cada vez maior, passa para uma militância nos organismos intermediários da sociedade: movimentos populares, movimentos rurais, associações de bairro, movimentos de secundaristas, movimentos de universitários, associações de trabalhadores, sindicatos, partidos...

**Desafio para outros setores da igreja**

Digamos de passagem que este desafio de uma espiritualidade que alimenta uma militância social é um desafio não somente da pastoral da juventude, mas de todos os setores da Igreja que se colocam ao lado das classes populares e de seu projeto histórico. É claro que esta espiritualidade precisa se adaptar, também, à vitalidade, espontaneidade e maneira de ser do jovem.

**Uma espiritualidade que nega o passado**

Alguns anos atrás quando começou a tomar corpo o compromisso político dentro da pastoral da juventude, foi difícil colocar a questão da espiritualidade. Aconteceu, o que acontece com toda descoberta nova: num primeiro momento houve uma tendência de absolutizar o político, em detrimento às outras dimensões da vida humana. Agora o pêndulo começa a voltar ao equilíbrio. Em todos os lados se discute a questão da espiritualidade, organizam-se cursos, retiros...

Na tentativa de encaminhar esta questão os jovens, às vezes caem no erro de achar que uma nova espiritualidade se elabora, somente a partir das suas próprias experiências, assim eliminando o passado.

Um grupo de jovens escreve:

"Um dos grandes questionamentos que enfrentamos em meio à nossa luta, é quanto ao verdadeiro caminho em busca do Reino de Deus. Engajados no meio específico ou não, nossa visão do mundo é formada de acordo com nossa fé, com a qual entramos em contato na descoberta do sentimento cristão, e também naqueles valores nos quais acreditamos; não mais nos dogmas e na tradição religiosa transmitidos de geração em geração".

A experiência dos últimos anos mostra que na tentativa de abandonar a espiritualidade tradicional como irrelevante e construir uma nova espiritualidade a partir unicamente das experiências dos militantes, não se encontra um substituto satisfatório.

Esta atitude de não valorização da herança do passado é uma das características da juventude hoje, não somente no campo religioso mas, também, nos outros setores da organização social. Há necessidade, portanto, de mostrar-lhe o que, na herança do passado, é desvio do projeto original do Evangelho, o que é resultado dos condicionamentos culturais e o que é o núcleo essencial da fé.

**A importância da tradição**

A busca de uma nova espiritualidade ou de uma espiritualidade latino-americana para os dias de hoje, não é algo somente justificável mas urgente. Percebemos que a espiritualidade cristã sofreu muitas modificações no decorrer da história, sendo influenciada pelos condicionamentos da cultura onde se elaborava ou mudando de acentuação, conforme as exigências da época e do lugar. Embora, mudando os enfoques e expressões culturais, sempre havia um núcleo que não mudava. A espiritualidade sempre se ligava com:

— A fé num Deus que está presente no meio de nós.

— Jesus Cristo que nos revela o Pai e seu projeto de vida. Sempre se enfocava a importância da "imitação de Cristo" e "o seguimento de Cristo".

— As exigências do Evangelho numa determinada realidade.

A nova espiritualidade, portanto, deve se ligar a autêntica tradição da mística cristã onde se enfoca a relação pessoal com Deus, o seguimento de Jesus Cristo, o Evangelho confrontado com os sinais dos tempos, a oração e os sacramentos, o próximo como sacramento de Deus, o pecado, a cruz, o desprendimento, a humildade, o gesto profético, o amor.

A necessidade de se ligar com o passado não é somente uma característica da mística cristã. Em qualquer ramo do conhecimento humano não se pode prescindir do conhecimento acumulado da humanidade que herdamos do passado, com mais razão não podemos elaborar uma espiritualidade simplesmente a partir de nossa experiência.

A necessidade desta continuidade com o passado é inclusive sustentado pela própria psicologia. O crescimento de qualquer pessoa ou comunidade acontece na medida em que está ligada com a totalidade e a continuidade histórica. Num certo ponto, quando um número grande demais de fatores de continuidade são trocados ou perdidos as pessoas ou comunidade têm a experiência não de crescimento, mas sim de fragmentação e com o tempo, de dissolução.

Numa nova espiritualidade mantemos os valores essenciais e os traduzimos para nossa época e realidade. Mudamos os enfoques para poder responder às exigências de uma realidade diferente.

**A importância do avanço teológico**

O avanço de uma teologia original na América Latina, a teologia da libertação, tem contribuído enormemente para dar uma base teórica para o engajamento transformador dos jovens. O jovem não mais precisa sentir que sua fé e sua prática são coisas opostas.

Até recentemente, porém, este empolgamento com a teologia da libertação, às vezes, levou os jovens a enfocar exclusivamente os aspectos políticos e sociais desta teologia. Esta tendência de absolutizar o político e social é também causada pelo contato dos jovens com o marxismo, sobretudo nas universidades e sindicatos. Os jovens admiram o esforço de Marx de colocar valores humanos dentro da economia mas não percebem, às vezes, seu erro de simplificar tudo ao reduzir toda a consciência humana exclusivamente a uma base econômica e política, ignorando assim os fatores simbólicos, culturais e religiosos que operam na história humana. Estes últimos fatores embora condicionados pelo econômico tem sua própria autonomia.

Em parte este desvio surgiu devido a pouca ênfase que a teologia da libertação dava no início da sua elaboração, a uma espiritualidade, que acompanhasse a sua análise teológico-social. Hoje, pelo contrário a elaboração de uma espiritualidade libertadora ocupa um lugar central na abordagem da maioria destes teólogos.

Estes pequenos desequilíbrios são inevitáveis na medida em que avança o conhecimento teórico e novos enfoques se apresenta. Este impasse inicial, porém, está sendo rapidamente superado.

Simplificando, a gente pode dizer que enquanto a década de '60 foi marcada por um certo ativismo, a década de '70 foi marcada pelo início de uma reflexão, de uma mística cristã que sustenta e alimenta o engajamento de um número cada vez maior de cristãos na transformação social. A década de '80 parece ser destinada a caminhar para a grande síntese fé e vida, fé e política, oração e luta. Os maiores nomes da teologia da libertação como Gutierrez, Leonardo Boff, Segundo Galileia, vêm escrevendo abundantemente sobre o assunto nos últimos anos. Os militantes jovens percebem, cada vez mais o papel fundamental de uma mística cristã para alimentar seu compromisso social.

Neste sentido multiplicam-se os debates, cursos, retiros.

A reflexão dos teólogos e dos militantes de base (não só de juventude) têm levado a um enorme progresso nos últimos anos.

**A nova espiritualidade**

Esta síntese que se está fazendo é fundamental para que o jovem possa compreender o mundo ao seu redor do modo correto. Na medida em que a sua síntese anterior vai sendo questionada e fragmentada, pelas novas experiências, novos contatas e novos compromissos, é importante que a nova síntese vá se construindo, lado a lado, se não o jovem fica sem um quadro de referência e como consequência confuso e perdido.

Esta nova espiritualidade não pode ser encarada como um departamento da vida que pode ser separado dos outros departamentos: físico, social, intelectual, econômico, político, afetivo. Espiritualidade é algo muito simples. É a tentativa cotidiana de assegurar que o Espírito que nos impulsiona, motiva e guia, seja o Espirito de Jesus Cristo e não qualquer outro espírito, como por exemplo, a minha própria conveniência ou o espírito de uma sociedade de consumo.

É a espiritualidade que dá sentido à vida e que faz com que tudo seja uma unidade.

É a espiritualidade que nos dá coragem, garra e perseverança em nossos compromissos.

É o Espirito de Cristo que transformou os apóstolos no primeiro Pentecostes de homens fracos, tímidos, sem confiança em si, em homens dispostos a irem até às últimas consequências pela sua fé.

A espiritualidade bíblica não divide a pessoa humana em espírito e matéria, como fizemos frequentemente no passado. Esta divisão que entrou na espiritualidade tradicional, criando uma espiritualidade desencarnada, veio da filosofia grega e pagã.

A seguir procuramos aprofundar brevemente algumas características de uma espiritualidade libertadora que alimenta um engajamento cada vez mais consequente dos jovens militantes.

**Deus como absoluto na vida**

Na primeira metade da década de 70 no auge dos movimentos de encontro de jovens, havia a impressão que a igreja estava fazendo uma grande e profunda pastoral de juventude. Após um encontro de um fim de semana, os jovens proclamavam aos quatro ventos a sua adesão a Deus e o seu propósito de mudar de vida.

Foram conversões-relâmpago provocadas por uma metodologia de impacto emocional, durante um encontro de fim de semana. A decepção dos coordenadores e assessores era geral, quando alguns meses depois um grande número destes jovens abandonavam tudo. As lideranças da pastoral da juventude foram descobrindo, aos poucos, uma verdade teológica importante. A experiência de Deus acontece não tanto num sentimento que a pessoa tem, mas quando se percebe que o sentido radical da vida, o essencial, o absoluto da vida é Deus. A fé é, portanto, a percepção de que a realidade mais importante na vida é Deus e que tudo o que a gente faz deve de algum modo ser relacionado com ele. E a verdade revelada no primeiro livro da bíblia, que o mundo e o ser humano foram criados por Deus. Fomos criados por Ele e d'Ele dependemos pela nossa existência.

A fé não depende de oscilações emocionais e de satisfação pessoal, mas de uma convicção que nos coloca numa atitude de profunda disponibilidade diante d'Ele, que é fonte de toda vida.

**O mistério íntimo de cada um**

Todo homem possui dentro de si uma profundidade que é o seu mistério íntimo e pessoal. A experiência nos ensina que neste cerne da pessoa humana há uma solidão que nenhum relacionamento humano é capaz de preencher, nem mesmo um intenso amor entre duas pessoas. Aí dentro de nosso ser onde ninguém chega, nem nós mesmos, Deus espera por nós. Santo Agostinho afirmava: "Deus é mais íntimo a cada um de nós do que nós mesmos". A célebre resposta de Galileu quando perguntaram para ele se tinha visto Deus com seu telescópio, reforça esta verdade: "Ou Deus está no coração do homem ou não está em nenhum lugar".

A característica do santo é que ele não tem necessidade de "sentir" Deus. Ele sabe que n'Ele vivemos, morremos e é d'Ele que viemos. Esta certeza é suficiente para continuar no rumo escolhido.

**A importância da dimensão emocional**

Do outro lado não se quer afirmar aqui que o lado emocional não tem lugar para o jovem na sua experiência de Deus. O Cristianismo não é um corpo de verdades teóricas e abstratas que são aceitas somente pela inteligência. Ele é aceito pela pessoa humana no seu todo, racional e emocional. Uma visão seca e fria do Cristianismo não corresponde à realidade e necessidade dos jovens. Às vezes, verdades da fé que são aceitas através de uma convivência afetiva, dificilmente seriam aceitas por um processo racional.

Devemos levar em conta também que o homem moderno no seu atual estágio de desenvolvimento necessita de mais estímulos emocionais do que outras gerações, devido sobretudo a influência dos meios de comunicação social.

**Um Deus somente político**

Esta verdade fundamental da fé, que Deus é o absoluto na vida, nos ajuda a corrigir uma falha bastante frequente no meio de jovens com forte engajamento social, A impressão que se tem é que Deus só existe na luta e na transformação social e não se percebe que a realidade da vida é mais profunda do que uma luta política, por mais justa e urgente que seja. Como padre eu tive ocasião frequente de sair de uma reunião de jovens onde só se falava da fé em termos políticos, para assistir a um doente no seu leito de morte. Neste segundo momento a dimensão política da fé não teve nenhum lugar. Não era o caso de pregar para o doente sobre a necessidade de uma mudança estrutural da sociedade. Era o momento de levar em conta a identidade mais profunda do ser humano não somente como ser político mas, também, corno ser criado por Deus.

Esta tendência de absolutizar ora um lado, ora outro, é natural no processo humano — sobretudo quando se trata de juventude. O equilíbrio se faz pelo acompanhamento e avaliação constante da caminhada.

**Seguimento de Jesus Cristo**

A experiência cristã de Deus é de um Deus que se revela a nós na pessoa de Jesus Cristo. O documento de Puebla afirma que, sob o impulso do ESPIRITO SANTO, a espiritualidade latino-americana passa a recuperar a dimensão essencial do cristianismo como seguimento de Jesus.

*"O seguimento de Jesus" ou "a imitação de Jesus"* tem sido sempre uma das constantes na espiritualidade cristã. João Paulo II falando em Belo Horizonte para a juventude brasileira coloca muito bem esta segunda característica de uma mística cristã:

*"E no Evangelho de São Mateus, a página que ninguém relê sem emoção. 'Quem é que os outros dizem que Eu sou?'* — pergunta Jesus aos Apóstolos, e depois que eles transmitem uma série de opiniões, a pergunta de fundo: *'Mas, para vocês, quem sou Eu?'*. Nós todos conhecemos este momento, no qual já não basta falar de Jesus ou recitar uma opinião, é preciso dar um testemunho, sentir-se comprometido pelo testemunho dado e depois ir até os extremos das exigências desse compromisso. Os melhores amigos, seguidores, apóstolos de Cristo, foram sempre aqueles que perceberam um dia dentro de si, a pergunta definitiva, incontornável, diante da qual todas as outras se tornam secundárias e derivativas: *'Para você, quem sou Eu?'* A vida, o destino, a história presente e futuro de um jovem, depende da resposta nítida e sincera, sem retórica nem subterfúgios, que ele puder dar a esta pergunta. *Ela já transformou a vida de muitos jovens."*

**Jesus histórico**

O critério fundamental de seguimento é a mensagem e prática do Jesus histórico. Esta revalorização, dentro da teologia da América Latina, da figura do Jesus histórico não é algo novo. E uma constante nos grandes momentos de renovação da espiritualidade provocados por pessoas como Santo Inácio, São Francisco, Santa Teresa e Charles de Foucauld. A própria religião popular na América Latina é impregnada por uma forte devoção a Jesus histórico, como, por exemplo, a devoção ao Senhor morto na Sexta-Feira da semana santa. Procura-se, hoje ligar com este grande potencial religioso, recuperando seus aspectos libertadores e purificando-o de seus aspectos mais alienantes, O crescente contato do povo com o Evangelho em grupos de reflexão e cursos, facilita este processo.

Estamos, porém, a dois mil anos de distância do tempo do Cristo histórico. Portanto, a prática de Jesus não pode ser transportada mecanicamente para nossa realidade.

**A fé de Jesus**

O importante no seguimento de Jesus é a *"fé de Jesus''*, não somente *"a fé em Jesus"*. Na América Latina hoje, há muitos cristãos que professam a *"fé em Jesus"* mas que perseguem outros cristãos que procuram viver a fé de Jesus, sobretudo assumindo a opção pelas classes empobrecidas. Nunca a América Latina teve tantos mártires do que nos últimos anos. Não são mais os pagãos, porém, que mandam os cristãos para a *"arena"*. São outros cristãos que não aceitam que seguir Jesus hoje, significa estar do lado de uma faixa enorme da sociedade a quem é negado o acesso à cultura, ao poder e à satisfação das necessidades básicas para uma vida humana digna.

**A juventude e a pessoa de Jesus Cristo**

A juventude, em geral se empolga, com a pessoa de Jesus, sua mensagem, seu estilo de vida, as suas opções, a sua coerência de vida. Percebem no Evangelho o documento mais revolucionário e subversivo que existe em termos de crítica de um sistema sócio-político-econômico que coloca como centro da sociedade o lucro e como consequência desta opção, a competição, a ascensão social individualista e o egoísmo. Os jovens tem um contato com a Bíblia nas reuniões e nos cursos bíblicos onde confrontam a sua prática com a prática de Jesus.

Sabem se localizar na bíblia e são criativos na preparação das suas celebrações.

**Opção pelos pobres**

A experiência cristã da América Latina capta a realidade do sofrimento de uma faixa grande da população que é pobre. No Brasil, por exemplo, apesar de uma extensão enorme de terra, 40 milhões de pessoas se deitam toda noite com fome. O jovem capta com mais facilidade do que o adulto a contradição fundamental que existe entre a fé cristã e esta situação de marginalização.

O documento de Puebla descreve esta situação: "à luz da fé, é um escândalo e uma contradição com a vida cristã o abismo entre ricos e pobres. O luxo de poucos é um insulto contra a miséria das multidões. Isso é contra o plano de Deus. Essa é uma situação de pecado social. E o pior, é que isso ocorre em países que se dizem católicos e que tem a capacidade de mudar..." (Puebla 28).

A pastoral da juventude, nos últimos anos, toma consciência que a grande maioria dos jovens são pobres e marginalizados e coloca a questão de como a pastoral pode estar voltada preferencialmente para eles. O documento "Alguns Princípios e Diretrizes da Pastoral da Juventude" do Regional Sul I CNBB resume esta opção:

"A pastoral da juventude opta, preferencialmente, pelos jovens das classes populares e jovens marginalizados. Isto significa que os jovens das classes populares devem estar presentes de forma marcante na Pastoral da Juventude. Optar por estes jovens quer dizer também construir uma Pastoral da Juventude que seja espaço de organização e formação dos jovens do meio popular, sendo eles próprios agentes e sujeitos de sua conscientização, formação e libertação".

**Um apoio importante**

O grande avanço feito pelos estudos bíblicos e teológicos após Medellín, tem sido um apoio importante para os jovens que assumem uma militância nas lutas populares. Foi justamente a falta de uma teologia de libertação que fundamentasse as novas questões levantadas pela Juventude Universitária Católica (JUC), que facilitou o rompimento de muitos dos seus militantes com a Igreja após '64.

**A ambiguidade**

Os pobres como sacramento de Deus (MI 25) não podem ser o único lugar de uma mística cristã. É o lugar ambíguo, um lugar do Espirito mas também, do pecado. No meio dos pobres há, também o egoísmo e o individualismo. Muitos pobres têm "cabeça de rico". Por este motivo a mística cristã precisa ser alimentada por uma experiência mais densa e pura de Deus. Esta experiência acontece nos sacramentos e no contato com a Palavra do Senhor.

**Uma espiritualidade do reino**

**Símbolo do reino**

A essência da mensagem de Jesus Cristo não é somente uma afirmação da importância do amor, da misericórdia, e da justiça. Jesus profetizou a chegada de um Reino onde serão realizados estes e outros valores. Este é o acontecimento do futuro que dá sentido a tudo que fazemos. Há, também, outros símbolos no Evangelho, deste grande e último ato de libertação como: o último juízo, a segunda vinda, mas Jesus preferiu falar do Reino.

Ao falar do tema "Reino de Deus" eu tenho costume de perguntar para os jovens como gostariam que fosse o mundo em que vivem. As respostas que formam uma lista de valores contrários a tudo o que é falso e errado na sociedade constituem e essência do Reino que Jesus pregou. Percebemos que Jesus usa um símbolo que expressa o que é o sonho mais profundo do coração humano, em todas as épocas, e no meio de todos os povos. É o anseio e a esperança de que é possível uma convivência humana fraterna e justa. Tudo o que contribui para a construção de uma sociedade justa e fraterna é uma realização parcial do Reino. O Reino, porém, não se esgota na história humana, mas passa por ela. A realização plena do Reino vem depois da morte.

O Reino é também um conceito mais amplo do que a Igreja, como reconhece o Concílio Vaticano Il. A Igreja tem como missão a construção do Reino, junto com todos os homens de boa vontade inclusive os não crentes.

**Sermão da montanha**

A espiritualidade do Reino é expressa de uma maneira suscinta no sermão da montanha (Lc 6; Mt 5). A felicidade não está nas opções apresentadas por uma sociedade de consumo, mas pelo contrário nas opções opostas: na opção pelos pobres, na sede pela justiça, nos corações puros, nos que promovem a justiça, a paz e a misericórdia, e na perseguição que é a consequência de uma vida vivida assim, porque questiona as pessoas e o sistema social. O Evangelho quando pregado com autenticidade, sempre questiona e incomoda.

A única pessoa que conseguiu viver plenamente este ideal, foi o próprio Jesus. As Bem-aventuranças servem como ideal que nos impulsionam para frente; mostram-nos a direção a seguir para alcançar a verdadeira felicidade.

Uma espiritualidade do Reino tem como alicerce certos valores que minam o pecado social e o pecado pessoal. São valores que atacam nas raízes as formas de dominação e opressão. Sem a vivência destes valores, a espiritualidade cai no formalismo dos fariseus.

Valores importantes do Reino que não aprofundamos neste artigo por falta de espaço, são: o amor, a cruz, a liberdade, o perdão.

**Oração**

**Igreja — "aparato ideológico"**

Recentemente participei de uma discussão de um grupo de jovens sobre a natureza da Igreja. Um jovem universitário expôs a sua ideia que a Igreja era simplesmente um "aparato ideológico" de muita influência na sociedade e que precisava ganhar espaço dentro dela, do mesmo jeito que precisava ganhar espaço dentro da escola. Este universitário exemplifica a dificuldade que alguns jovens, excessivamente "ideologizados, têm de enxergar o específico de uma Pastoral de Juventude voltada para uma prática social e de valorizar a prática religiosa. O Evangelho é apenas uma referência ética e uma filosofia de vida muito elevada. Não há um encontro de fé com Deus na pessoa de Jesus Cristo.

Há necessidade, portanto, de um aprofundamento teológico e de espiritualidade para que os jovens mais politizados possam perceber que a Igreja é mais do que um grupo ideológico ou tendência política preocupada com o problema social. A pastoral desenvolve uma função supletiva apenas, ao apoiar os movimentos populares e sindicatos, devido a fraqueza da sociedade civil. Na medida em que a sociedade civil se torna mais forte, há menos necessidade do envolvimento direto da pastoral como tal, na direção dos organismos intermediários da sociedade. Nos momentos de grande repressão política da década de 70, a pastoral tornou-se uma espécie de guarda-chuva que abrigava todos que não encontravam outro espaço de liberdade na sociedade. Na medida em que acaba a "chuva" e as pessoas, vão saindo debaixo do guarda-chuva, fica mais fácil perceber e definir o específico da pastoral. A pastoral torna-se cada vez mais o lugar de celebração e reunião da prática dos seus membros, à luz da fé, enquanto respeita a autonomia própria dos organismos intermediários na sociedade.

**O específico da mística cristã**

A mística cristã é diferente de qualquer outra motivação ou mística política, no sentido de que, seu ponto de partida é a fé em Jesus Cristã. Esta mística imprime uma qualidade de sacrifício, de luta, de perseverança, de vida e de relacionamento entre os membros do próprio grupo e com as pessoas fora dele, que não encontra paralelo fora do grupo cristão. Isto quando esta mística é vivida coerentemente.

O desafio da pastoral da juventude específica, portanto, é descobrir meios de criar no jovem uma estrutura de fé que possa ajudá-lo a fazer frente às várias tentativas, no seu meio, de reduzir a pastoral a um "aparato ideológico” ou a uma tendência política a mais.

E o desafio da síntese entre a fé e a vida, a oração e a ação, a oração e a luta.

Esta unidade é conseguida através de um aprofundamento teológico e bíblico e sobretudo através da *Oração*.

**A espiritualidade e a oração**

A oração e a espiritualidade não são a mesma coisa. A oração é essencial na espiritualidade, embora não seja toda a espiritualidade, pois o Cristo se encontra, também, no próximo e nas situações humanas. A espiritualidade é, portanto, um conceito mais amplo do que a oração. Ela inclui a oração. Mas sem a oração não existe espiritualidade.

**O que é oração**

Revisar nossos compromissos, à luz do Evangelho, renovar nossa opção pelos mais pobres, fazem parte importante de uma espiritualidade encarnada. Rezar, porém, é mais do que isso. Trata-se de explicitar nossa relação com Deus na pessoa de Jesus Cristo e não simplesmente de encarar o Evangelho como um quadro de referência para nossa atuação. A oração nos coloca em contato com Uma Pessoa, que é o Absoluto na vida e é Pai ao mesmo tempo. A oração sempre significa centrar nossa vida em Deus. Colocando-nos em contato com Deus, a oração, também, nos coloca diante das grandes interrogações da vida: o sentido da própria vida, a morte, nosso destino, o sofrimento, o mal, a felicidade, o fracasso. Questiona a tese da sociedade de consumo a qual afirma, que a verdadeira felicidade está no "ter mais" e que a vida se resume unicamente no círculo vicioso:

Trabalhar

Acumular Estudar

Divertir-se Alimentar-se

Dormir

A oração nos coloca diante do sentido último das coisas e nos faz perceber que o "ter" existe em função do "ser" e não vice-versa; e que a fé é mais do que um conjunto de ideias. É uma experiência.

A oração não é algo complicado; não precisamos de condições especiais. É só fazer silêncio para entrar em contato com Deus. A oração assim, significa a capacidade de nos unificar interiormente.

A oração, no fundo, é amar. Quem ama não precisa de muitas fórmulas para comunicar com o outro como afirma o próprio Jesus (Mt 6,5-8). Jesus fala que devemos rezar sempre (Lc 18,1), libertando assim a oração de lugar e tempo. A oração deve dar um colorido a tudo que fazemos e não ser apenas um defrontamento isolado da vida. Num de seus livros, Segundo Galileia coloca o seguinte testemunho de um militante operário: "Para mim a oração é como a água que rega o porto. Sem água, o porto seca; sem fé, nossa vida e nossos compromissos se tornam egoístas e, no fim das contas, já sabemos para onde estamos indo. "

A oração significa

- estar presente para a gente mesma,

- reconhecer a sua pobreza e limitações como ser criado por Deus,

- escutar a resposta de Deus,

- dar as mãos aos outros ao tomar consciência que somos amados por Deus.

**Dois tipos de grupos**

Assistimos a proliferação de dois tipos de grupos contrastantes na pastoral de juventude, nos últimos anos. De um lado grupos espiritualistas que reduzem a fé cristã apenas à oração. São grupos que nas palavras de um jovem "estão tocando violão e cantando aleluia enquanto o mundo está pegando fogo ao seu redor." Confiam à oração o que é próprio do esforço e inteligência humanos. Entendem seu papel na construção de uma sociedade justa e fraterna, como de dirigir apelos a Deus para que Ele o faça independente da luta dos cristãos na história.

Do outro lado são os grupos que caem num imediatismo pedagógico, característica da juventude, de ingenuamente traduzir tudo em política e luta pela justiça social. Pelo motivo que estão com pressa e querem mudar o mundo, já não têm tempo para reflexão. A oração é perda de tempo porque atrapalha a eficiência da preparação para a "revolução". Nas assembleias e cursos as celebrações são cortadas porque não há tempo.

**Contemplação e ação**

Santo Inácio falava de contemplação e ação, enquanto São Bento falava em oração e trabalho. Os dois santos tiveram uma influência enorme na espiritualidade dentro da Igreja. A contemplação e a ação são temas que estão presentes numa espiritualidade nova, embora sob enfoque e num contexto social diferentes.

O jogo dialético entre a contemplação e a ação é a chave privilegiada que abre a porta para a caminhada séria e comprometida da pastoral da juventude hoje.

**A contemplação**

A contemplação nos ajuda a desmontar os círculos ideológicos fechados, as posições dogmáticas, os mecanismos psicológicos que encobrem a verdade e nos mantém presos a um caminho que, em vez de nos levar à verdadeira libertação, nos empurram para novas escravidões. A contemplação insiste na dimensão transcendental da vida humana e não permite que nenhuma leitura parcial da realidade se torne um absoluto (um Deus). Questiona uma situação em que a luta pelos direitos dos pobres torna-se a luta apenas por uma ideologia política que, por sua vez, torna-se sectária e dogmática, substituindo a solidariedade real com os pobres concretos. Sem a contemplação, o único critério da ação torna-se a eficiência. No fundo reproduz o sistema capitalista que coloca o lucro e a eficiência acima dos valores humanos, Fabrica-se "máquinas" de fazer pastoral, de fazer mudança social. Produz-se, às vezes, peque-nos monstros. Enquanto se luta contra o pecado social não se enfrenta o pecado pessoal. Procura-se construir uma sociedade nova com todas as tendências egoístas e individualistas de homens velhos.

Um jovem resumiu assim: "Um cara que tem tanta atividade que não tem tempo para rezar, é igual a alguém em alto mar, que nada, nada e, chegando na praia, morre."

Neste sentido a fé não se alimenta com a simples imersão na realidade, nas lutas e nos compromissos. A fé, como vimos, é um dom de Deus. Ela cresce em primeiro lugar no contato com Deus e a sua palavra. A oração não significa centrar nossa vida na realidade, mas colocar Deus dentro desta realidade. Assim a oração não nos afasta da vida e da realidade que temos que mudar, ao contrário nos torna agentes de transformação no meio do mundo.

Uma oração espiritualista, do outro lado, consiste em centrar nossa vida num Deus e num amor fora da realidade e da história.

A dimensão mística da vida existe independente da ligação ou não com a dimensão social. Grupos de jovens muito politizados, que não dão a devida importância a esta dimensão, frequentemente ficam consternados ao verem membros passar para grupos espiritualistas ou até para seitas crentes. Observei, há pouco tempo, uma concentração de jovens de uma seita pentecostal, que consegue juntar mais de 150 jovens para rezar em praça pública, sem nenhuma ligação com a dimensão social da fé. O desafio para a pastoral de juventude é de "casar" as duas dimensões.

**A ação**

Do outro lado, a contemplação, sem a ação e a imersão na realidade, torna-se estéril. Torna-se algo lírico, poético, abstrato e fora da história humana. E o que é mais sério, serve, muitas vezes, para encobrir práticas, valores e interesses que são anti-evangélicos. É comum escutar jovens dizer que não aceitam a fé cristã porque conhecem cristãos, que rezam muito, mas cujas vidas contradizem os valores do Evangelho. Neste caso a oração de alguns torna-se obstáculo à conversão de outros. Conhecemos a crítica de Jesus sobre o modo de rezar do fariseus, com muito aparato e ostentação (Mt 6,5-8). Jesus afirma que, mais importante do que ser mãe, ser parente, ter títulos, é aquele que ouve a palavra de Deus e a põe em prática (Lc 11,27-28).

Uma espiritualidade do Reino faz com que nossa oração una a história humana e a história sagrada numa só história. A contemplação cristã é, ao mesmo tempo, transcendente e encarnada. Rejeita-nos uma espiritualidade que coloca Deus fora da sua criação.

A militância política encontra um espaço importante na contemplação. A contemplação aprofunda o compromisso e, como o volante de um carro, nos conserva no rumo certo.

**Oração comunitária**

**Missa paroquial**

Um grande número de jovens, que entram na pastoral da juventude, não participam da missa dominical, na paróquia. Os mais novos não se sentem atraídos para uma celebração, numa igreja grande, onde a única participação "espontânea" é a leitura de um folheto litúrgico. Sentem-se mais como espectadores do que participantes. Em alguns lugares procura-se superar este impasse, organizando "Missas dos Jovens", palestras e estudo em grupo sobre o significado da Eucaristia.

Os jovens mais críticos sentem a necessidade de celebrações, com grupos menores e que sejam celebrações dos acontecimentos na sua própria vida. Rejeitam com muita impaciência um presidente que segue uma linha mais conservadora na sua pregação. Captam com muita rapidez a coerência de um sermão, que fala de uma fraternidade abstrata e que escamoteia, ao mesmo tempo, as feridas concretas da sociedade.

**Avanços nos últimos anos**

Nos últimos anos, passos importantes têm sido dados no envolvimento dos jovens em celebrações fora da paróquia, sobretudo em assembleias e cursos em ocasiões especiais. Nos cursos e assembleias se esforçam para que as celebrações sejam momentos fortes. Neste sentido, uma importância especial é dada à preparação. Procura-se canalizar a inatividade e energia dos jovens, incorporando novos símbolos na liturgia. Há uma grande variedade de símbolos, normalmente escolhidos durante a própria assembleia, como por exemplo, sementes, terras, ramos, flores, plantas, frutas, sal, água, crucifixo, velas, bíblia, cadernos de trabalho, ferramentas de trabalho. Usa-se muito a mímica, encenações, a expressão corporal. Os jovens sentam-se em forma de círculo para facilitar a comunicação e sentir-se mais à vontade. O rito penitenciai é acompanhado por algum rito que expressa o desejo de uma mudança de vida, como o gesto de lavar as mãos ou desatar um nó de um cordão, depois de cada pedido. Os cantos, também desempenham um papel importante na celebração. Aproveita-se a enorme quantidade e criatividade de cantos litúrgicos no Brasil para colocar cânticos que exprimem os seus anseios mais profundos. Os cânticos facilitam a síntese fé e vida. Após as leituras normalmente, há um momento de partilha da Palavra de Deus em comum. Há vários momentos de oração espontânea.

Participei, há poucos meses, de uma assembleia de cinco dias da pastoral da juventude do estado do Ceará onde o primeiro dia foi dedicado a uma celebração da Eucaristia — as várias partes da mesma sendo distribuída no decorrer do dia. Em vários momentos da celebração, as várias dioceses participaram através de encenações, gestos, símbolos previamente preparados e ensaiados antes da assembleia.

Em outra ocasião, uma assembleia da pastoral da juventude das nove cidades do nordeste, terminou com uma celebração penitencial. Após o rito da palavra na capela, seguido por uma caminhada a celebração terminou com todos os jovens de mãos dadas dançando em círculo e cantando ao ar livre. No meio um jovem negro batia num tambor grande. Eu pensei na cena bíblica de Davi dançando diante da arca da aliança.

Numa outra diocese os jovens engajados nos movimentos de estudantes, de bairro, de trabalhadores reúnem-se de dois em dois meses para celebrar a Eucaristia na capela de um colégio. As celebrações são preparadas, cada vez por um grupo diferente, e um padre que tem uma certa abertura para os jovens é convidado a presidir a celebração.

**Síntese oração-ação**

Estas celebrações são os momentos mais importantes para o jovem fazer uma síntese de oração e ação, política e fé, reza e luta; do que muitas palestras e cursos sobre o assunto. É a velha fórmula da Ação Católica: formação na ação. Aprende-se a ligar oração e vida, rezando em cima da vida.

Aprende-se a fazer a ligação entre vivência litúrgica e luta por uma sociedade justa e fraterna, celebrando a vida.

Estas celebrações que procuram envolver todas as dimensões da vida do jovem vêm ajudando a superar a dificuldade de alguns lugares onde as celebrações eram cerebrais e frias demais, aparecendo frequentemente discussões de grupo, batizados com o nome de celebração.

Embora tenha havido um grande avanço nos últimos anos, no envolvimento consciente dos jovens nas celebrações comunitárias, há ainda algumas áreas não suficientemente clareadas:

**Impasses a serem superados**

1. Frequentemente, nas orações e nos cânticos escolhidos, os jovens se restringem somente à dimensão social. Há necessidade de valorizar as outras dimensões da oração cristã: o louvar pelas maravilhas oferecidas por Deus, pedido de perdão, ação de graças.
2. Há uma tendência, em alguns lugares, de fazer da oração espontânea uma continuação das discussões de grupo ou uma oportunidade de dar recados aos outros. Não se dirige diretamente ao Pai, num contato direto de fé como Jesus nos ensinou na sua oração modelo, o "Pai nosso", e na sua própria vida de oração conforme narrada pelos Evangelhos.
3. Há o perigo de usar as celebrações, especialmente a Eucaristia apenas como pedagogia para conscientizar os jovens e deixar de lado um real contato com Quem fundamenta todos os anseios humanos, e que é o Sentido profundo da vida. A liturgia é a celebração do mistério da Salvação em Jesus e, ao mesmo tempo, a celebração da vida. Os dois elementos da celebração se complementam.
4. Um outro impasse muito mais difícil de ser resolvido é a questão da celebração na própria comunidade paroquial. Depois da experiência de uma celebração significativa e criativa, num curso, o jovem descobre que não é possível continuar a mesma experiência na paróquia. Ao mesmo tempo, ele tem grande dificuldade de se relacionar com os adultos na comunidade. Esta dificuldade é agravada, pelo fato de que os jovens têm uma tendência natural de se isolar dos "coroas". Por outro lado, os adultos frequentemente não acolhem os jovens, não dão credibilidade, atacam-nos por causa de questões de importância secundária. Não dão valor à mensagem básica do jovem, de um anseio por uma convivência humana mais justa, que se esconde, às vezes, por detrás de uma linguagem agressiva.

Uma renovação da própria paróquia para torná-la mais semelhante, a uma comunidade evangelizadora, e menos, a uma empresa construtora é, também um passo importante nesta direção.

As comunidades de base oferecem mais do que as paróquias grandes. a possibilidade de irem ao encontro dos anseios da juventude, isto é, de uma experiência real de comunidade e de celebrações em que haja ligação fé e vida, participação espontânea e criativa.

A celebração numa comunidade concreta, onde há contatos entre as várias gerações, criança, jovens, adultos, idosos, é uma experiência enriquecedora para o jovem.

Um outro fator, que dificulta a participação dos jovens nas celebrações da comunidade eclesial, é a origem dos grupos de meio especifico. Quase sempre os grupos são formados por jovens de várias comunidades diferentes.

Há necessidade do jovem assimilar, também, o fato de que, uma certa rotina, faz parte da celebração de uma comunidade, como faz da própria vida de família, de trabalho, de escola. As celebrações mais densas e significativas devem servir para dar sentido às celebrações comuns, em que é difícil evitar uma certa rotina. O fato de estar com a primeira geração "criada" pela T.V. e portanto acostumados a uma variedade de técnicas sofisticadas para conquistar a atenção e a participação, dificulta a aceitação de celebrações menos criativas.

**Oração pessoal**

Podemos distinguir três dimensões da oração que formam os três pontos de um triângulo:

D. Pessoal

D. Social D. Comunitária

Tanto a dimensão social quanto a dimensão comunitária são enraizadas no projeto de vida de muitos dos jovens militantes hoje. Não podemos dizer a mesma coisa, porém, sobre a oração pessoal. A impressão que se tem é de que a oração pessoal é frequentemente ignorada no processo de educação da fé na pastoral da juventude. No entanto, é a dimensão mais importante. Quando o jovem tem que enfrentar as várias crises na sua vida, é esta relação pessoal com Deus, que lhe dá firmeza para perseverar na fé. O psicólogo Fromm coloca a questão de outro modo: "sem contemplação não há mudança pessoal". Sem a dimensão pessoal, as outras duas dimensões são semelhantes a uma grande árvore sem raízes.

**Dois lugares**

Para que a oração pessoal não seja alienante é importante que o diálogo com Deus se prolongue no diálogo com os homens. Esta experiência cristã de Deus tem dois lugares principais:

1. na pessoa de Jesus Cristo,
2. no próximo ("O que fizeste aos mais pequenos dos meus irmãos, a mim o fizestes" IMt 25,40). O documento de Puebla fala dos rostos de Crista na América Latina.

Um repórter fez a pergunta para um bispo: "O Senhor é mais horizontal ou mais perpendicular"? É uma pergunta falsa. Não há uma separação. É o mesmo Deus na oração pessoal, nos sacramentos e numa luta pela justiça social.

**A evolução pessoal**

O jovem militante não deve ficar surpreendido se as noções de oração que teve, quando criança, não "colam" mais. A vida é algo dinâmico. A maneira de rezar do jovem evolui do mesmo jeito que evoluem as outras dimensões da sua personalidade. Algo muito errado está acontecendo quando um jovem reza com as mesmas noções que teve quando criança. É um alívio para muitos jovens, quando descobrem que não é verdade que não estão rezando. O que está acontecendo é uma mudança na maneira de se colocar na presença de Deus. O que é fundamental é que cada um encontre um jeito durante o dia de fazer silêncio interior e centrar sua vida em Deus. Isto pode ser em casa ao levantar, no ônibus, na rua, durante o trabalho, no intervalo. Alguns cursos para jovens como por exemplo "Projeto de vida" dos Padres Jesuítas, oferecem subsídios que integram técnicas modernas de respiração e meditação, para aprofundar a oração pessoal, dentro de um contexto de justiça social.

A verdadeira oração exerce uma forte atração porque no fundo é um exercício de honestidade consigo mesmo, com Deus e com os outros.

**O papel do assessor**

No momento em que a pastoral da juventude consiga "casar" o engajamento social com uma espiritualidade libertadora, terá a força de uma "bomba atómica". Nesta tarefa o assessor, desempenha um papel fundamental devido à oportunidade que teve de uma preparação bíblica, teológica e de espiritualidade, durante muitos anos. Não se pode cobrar do jovem uma espiritualidade se ele não recebe uma assessoria, do mesmo modo que não se pode esperar que ele faça uma cirurgia se não for treinado para isso.

Apresentamos a seguinte visualização de uma espiritualidade libertadora, que tentamos esboçar neste artigo, na esperança de que nos possa ajudar a assimilar uma visão global da mesma.

A espiritualidade para os jovens mais críticos não é uma jaqueta a ser jogada fora quando começam a correr ao despertarem para a dimensão política da pessoa humana. A espiritualidade, no fundo, é um exercício de honestidade consigo mesmo, com Deus e com os outros. É o volante do carro que impede que saiamos para fora da pista.

Dimensão Social

Dimensão Pessoal

Dimensão Comunitária